

FIGUEIREDO, Janyne Barreto*

<https://orcid.org/0009-0007-7186-4657>

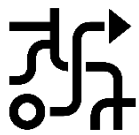
RESUMO: O artigo promove uma análise do sexto capítulo da obra *Witchcraft Today* (1954) de Gerald Gardner (1884-1964), intitulado de *How The Little People Became Witches and Concerning The Knights Templar*. Buscou-se identificar questões sobre gênero, principalmente acerca de masculinidades que perpassam o discurso profundamente imbricado com medievalismos. Para tanto, fez-se uso da metodologia da Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau. Portanto, o trabalho a seguir busca também localizar o multifacetado Gardner e suas influências, tendo em vista que o discurso é indissociável do seu contexto histórico.—Com isso, convida-se o leitor a explorar uma dança dicotômica entre Igreja e paganismo, atrelada a aproximações e distanciamentos com masculinidades hegemônicas e desviantes.

PALAVRAS-CHAVE: Wicca
Gardneriana; Medievalismo;
Masculinidades.

ABSTRACT: The article presents an analysis of the sixth chapter of Gerald Gardner's (1884-1964) *Witchcraft Today* (1954), entitled *How The Little People Became Witches and Concerning The Knights Templar*. We sought to identify issues about gender, especially about masculinity that pervade the discourse deeply interwoven with medievalism. For this, the methodology of Discourse Analysis proposed by Dominique Maingueneau was used. Thus, the following work also aims to locate the multifaceted Gardner and his influences, because the discourse is inseparably linked to its historical context. This text aims to explore a dichotomous dance between the Church and paganism, which is connected to approaches and distance from hegemonic and deviant masculinities.

KEYWORDS: Gardnerian Wicca;
Medievalism; Masculinities.

* Tecnóloga em Gastronomia pela UNINASSAU (2016), graduada em Licenciatura em História pela Universidade Federal de Pernambuco (2025). É membro do Laboratório de Estudos de Outros Medievos (LEOM). Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco (PPGH-UFPE). É orientanda do Professor Doutor Bruno Uchoa Borgongino, possui bolsa de mestrado financiada pela CNPq. Sua pesquisa tem como foco Medievalismo, Orientalismo e Eurocentrismo na Wicca Gardneriana. E-mail: janyne.figueiredo@ufpe.br



INTRODUÇÃO

O presente artigo busca analisar o medievalismo e as masculinidades no discurso da Wicca Gardneriana¹, tendo como objeto de estudo os Templários no sexto capítulo da obra *Witchcraft Today* (1954) de Gerald Brosseau Gardner (1884-1964). Intitulado de *How The Little People Became Witches and Concerning The Knights Templar*², tece comentários sobre práticas de magia sexual realizadas entre parceiros homens e sobre algumas semelhanças entre o culto das Bruxas e o culto dos Cavaleiros Templários. Assim, se realizará uma inquirição do *corpus* documental com o arcabouço teórico do Medievalismo e dos Estudos de Gênero, especialmente o conceito de masculinidades e a metodologia da Análise do Discurso proposta por Dominique Maingueneau.

A obra analisada foi escrita no período pós-Segunda Guerra Mundial. Embora possua aspectos universalistas,³ propõe propagar a Wicca como um resgate à Velha Religião inglesa⁴ (TERZETTI FILHO, 2013; DUARTE, 2008, 2017). Hugh B. Urban classificou a Wicca como uma “bricolagem de ocultismos”, já que a religião foi construída com diversas apropriações da Ásia Meridional e pelo amálgama de ideias românticas sobre paganismo, ocultismo ocidental, folclorismo e druidismo (URBAN, 2019, p. 36).

O Neopaganismo⁵ é um termo guarda-chuva para religiosidades⁶ que sacralizam a natureza, buscando reinterpretar, reviver e experimentar religiosidades politeístas pré-cristãs (MAGLIOCCO, 2012). O aparecimento de movimentos neopagãos alinhados à exaltação de virtudes e tradições atribuídas a povos antigos

¹ Compreende-se que houve diversas vertentes da religião após a criação da Wicca Gardneriana, como a Wicca Alexandrina e a Wicca Diânica. Para fins de delimitação, o artigo irá se ater ao discurso de Gerald Gardner na obra escolhida.

² Tradução nossa: Como o Povo Miúdo Tornou-se Bruxas e Sobre Os Cavaleiros Templários.

³ Ver o capítulo II There Have Been Witches in All Ages (GARDNER, 1954, p. 31-39)

⁴ Sendo curioso notar que discursos de resgate a uma “Velha Religião” já foram utilizados na Inglaterra em discursos católicos e protestantes (PEARSON, 2007).

⁵ À guisa de comparação, o termo pagão, deriva do latim *paganus* que inicialmente não significava a religiosidade politeísta, mas sim, um termo pejorativo para população campesina e, somente no século 6, começa o processo de associar o termo à religiosidades politeístas (BROWN, 1999: 625-626).

⁶ No contexto de movimentos religiosos e/ou espiritualistas que emergiram entre o final do século XIX, e o início do século XX apartados de religiosidades hegemônicas, nomeados pelas Ciências sociais como Novos Movimentos Religiosos (NMR) (TERZETTI FILHO, 2013).

se dá nos séculos XVIII e XIX. O fenômeno ocorre no lastro da afirmação das identidades nacionais por toda Europa por uma elite intelectual, que também as retroalimentam. Esses movimentos têm forte apreço pelo folclore, ocultismo e romantismo (HUTTON, 1999; DUARTE, 2008; FALCONIERI, 2019).

Embora o Neopaganismo não possua um único fundador, Gerald Gardner é apontado como um possível marco inicial da forma mais conhecida deste: a Wicca Gardneriana, nascida em 1939 na Inglaterra, adquiriu um número considerável de praticantes (HANEGRRAFF, 1993, p. 87; HUTTON, 1999; PEARSON, 2006). A Wicca Gardneriana é uma religião Neopagã iniciática com crenças centradas na dualidade divina da Deusa e do Deus e uma estrutura de *covens*. Gardner foi um estudioso de ocultismo e bruxaria, ativo em sociedades folclóricas e diversas ordens iniciáticas, como a Rosacruz e a O.T.O.⁷, foi funcionário da administração britânica na Malásia, onde teve contato com correntes filosóficas e místicas asiáticas e orientalistas⁸, também atuou como antropólogo e arqueólogo amador (HUTTON, 1993, 1999; ALEXANDER, 2001; TERZETTI FILHO, 2013; DUARTE, 2017, URBAN, 2019).

Outro aspecto que certamente influenciou a Wicca como Gardner a concebeu foi o feminismo de primeira onda, pois a egiptóloga e arqueóloga Margaret Murray não só serviu como base, como também de chancela acadêmica ao fazer a introdução da obra analisada (DUARTE, 2017; SAGREDO, 2023). Margaret Murray propõe que o período medieval foi marcado pela perseguição sistemática das práticas das bruxas⁹, e de outros grupos dissidentes alocando o medievo como um verdadeiro tempo das fogueiras¹⁰ (SAGREDO, 2023).

Assim, nas seções a seguir do artigo contaremos com um debate teórico, uma arguição sobre gênero e ocultismo, uma análise do discurso de Gardner sobre os Templários e uma conclusão.

⁷Ordo Templi Orientis (O.T.O) é uma organização ocultista que mescla elementos-chave da maçonaria e do rosacruzianismo com ideias orientais. Partem de uma perspectiva orientalista de sexualização do Oriente presente na ordem (PARTRIDGE, 2015).

⁸ A estrutura de covens da Wicca e as práticas de magia sexual são similares ao ciclo do chakra descrito pelo orientalista britânico Sir John Woodroffe (1865-1936) (URBAN, 2019).

⁹Assim como Gardner, ainda que possa haver diferenças entre seus trabalhos, já que embora o autor buscasse tecer um tratado antropológico, também tinha a finalidade de desmistificar e propagar sua religião ao contrário de Murray que possuía fins acadêmicos como uma folclorista frazeriana (SAGREDO, 2023). Neste caso, frazeriana é referente a James Frazer, folclorista e escritor de *O ramo dourado* (1890).

¹⁰ Do original burning times.

ARCABOUÇO TEÓRICO E METODOLÓGICO

Optou-se por utilizar o arcabouço teórico do medievalismo¹¹, visando entender a acepção e idealização do passado medieval por temporalidades posteriores em discursos, práticas e produções culturais (D'ARCENS, 2016). O medievalismo é um processo ou produto, que fornece uma representação do passado para avaliar o presente e o futuro, permitindo que os indivíduos compreendam o presente (KINANE, 2013). Pode descrever formas não acadêmicas, dotadas de anacronismos e percepções duvidosas acerca do passado medieval, presentes em expressões populares e os próprios Estudos Medievais (UTZ, 2016). Historiadores do século XIX, influenciados pelo positivismo, cunharam o termo medievalismo de modo pejorativo para descrever formas não acadêmicas e/ou estudos populares sobre a Idade Média, ou seja, inicialmente o uso do termo carregava uma conotação hierarquizante (UTZ, 2019). Mas, como (MATTHEWS, 2015, p.1-10) salienta, medievalismo é tudo aquilo produzido após o período medieval sobre a Idade Média, podemos dizer que os acadêmicos que se debruçam sob o período medieval e a própria ideia de Idade Média são medievalismos.

Os trabalhos de Judith Butler são elucidativos para uma conceituação de gênero, que foge de binarismos. Demonstrando que é possível aplicar uma “teoria performativa de atos de gênero que rompem as categorias de corpo, sexo, gênero e sexualidade, ocasionando sua ressignificação subversiva e sua proliferação além da estrutura binária.” (BUTLER, 2003, p. 11). Assim, o gênero é uma atividade relacional e performática, sendo constantemente construído e reconstruído socialmente em configurações diversas.

Para Butler, a categoria de gênero é “como fenômeno inconstante e contextual, [...] não denota um ser substantivo, mas um ponto relativo de convergência entre

¹¹ O medievalismo é uma teoria Anglo-americana que teve início na década de 1970, a partir dos trabalhos de Alice Chandler, Leslie J. Workman e Kathleen Verduin (MATTHEWS, 2015; UTZ, 2019; BERTARELLI, AMARAL, 2020). Em 1979, Leslie J. Workman, em conjunto com alguns colaboradores, iniciaram a primeira revista acadêmica sobre medievalismo, a *Studies in Medievalism* (WORKMAN, 1997; BERTARELLI, AMARAL, 2020). O campo de estudos medievais é genitor dos estudos de medievalismo, no qual anteriormente o primeiro era supervalorizado em detrimento do segundo. Cenário que vem mudando com o exponencial crescimento do interesse em analisar a instrumentalização do passado medieval por outras temporalidades (MATTHEWS, 2015; D'ARCENS, 2016). Assim, as interpretações da Idade Média desde que a ideia de medievo se iniciou (MATTHEWS, 2015) tem produzido uma historiografia diversificada.

conjuntos específicos de relações, cultural e historicamente convergentes” (BUTLER, 2003, p. 29). Butler também alerta que o gênero passa por regulações sociais amparando-se em aspectos legais, culturais e sociais, e, portanto, cada temporalidade e espacialidade terão regulamentações próprias de gênero (BUTLER, p. 40-56, 2004). O gênero assim, é uma constante construção dialética entre desejo e reconhecimento, é o que os indivíduos pensam, almejam e as configurações sociais, legais, culturais e temporais em que estão inseridos.

Já Raewyn Connell e Rebecca Pearse (2015) pensam o gênero no viés da arena reprodutiva, isso é na regulação das normas reprodutivas. Através de mecanismos reprodutivos, como um espaço de disputa que promove regras de binarismo reprodutivo. Trazendo um contundente debate do papel biológico, desmistificando inclusive o sexo biológico como uma suposta dicotomia entre XX e XY, exaltando assim a multiplicidade de padrões cromossômicos. Com isso, a corporificação é um processo dinâmico, pois “Corpos têm agência e corpos são construídos socialmente. Análises biológicas e sociais não podem ser separadas uma da outra nem tampouco reduzidas uma à outra.” (CONNELL, PEARSE, 2015, p. 111). Propondo entender o gênero por fatores sociais e corporais.

E com o fator corporificado do gênero, é de interesse dessa pesquisa compreender questões sobre masculinidades. O estudo de masculinidades propõe entender as masculinidades como pertencentes à categoria de gênero. Assim, a produção de masculinidades são processos constantemente negociados e re-fabricados, em diversas configurações sociais. Nesse sentido, há uma grande diversidade no que diz respeito aos ideais de masculinidades, já que esses ideais se relacionam com as configurações sociais, corporais, culturais, múltiplas. O modelo de masculinidade sueco acaba sendo diferente do japonês (CONNELL, 2000), que por sua vez também são distintos do inglês ou do brasileiro. E, até mesmo num país ou temporalidade, podem coexistir modelos diversos de masculinidades. Além disso, as masculinidades vão além dos homens, tanto no que diz respeito à sua construção quanto no que consiste à performatividade, já que performar ou não masculinidade não é inerente, nem tampouco exclusivo de homens. Connell (p. 1-36, 2000) também propõe o gênero como elemento organizacional da sociedade, sendo atravessado pelo poder, produção, simbolismo e catexia.

Ainda para Connell (2000) as construções de masculinidades não são fenômenos estáticos, há uma multiplicidade de padrões complexos e contraditórios que hierarquizam ou subalternizam determinados tipos de masculinidades, a depender da configuração sociocultural.

“Os homens podem se esquivar dentre múltiplos significados de acordo com suas necessidades interacionais. Os homens podem adotar a masculinidade hegemônica quando é desejável, mas os mesmos homens podem se distanciar estrategicamente da masculinidade hegemônica em outros momentos. Consequentemente, a “masculinidade” representa não um tipo determinado de homem, mas, em vez disso, uma forma como os homens se posicionam através de práticas discursivas.” (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257)

Nesse sentido, as masculinidades hegemônicas, assim como as desviantes, não são conceitos estáticos. Por masculinidades hegemônicas entende-se um conjunto de práticas regulatórias do masculino e aquilo que parece fugir à norma socialmente vigente em determinados contextos é tido como desviante (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013; CELESTINO, 2020).

A metodologia aplicada no artigo buscou amparar-se na Análise do Discurso que para o linguista Dominique Maingueneau o discurso é entendido como algo que não é um sentido estável e facilmente acessível, sendo construído e reconstruído constantemente. O autor ainda assinala que a importância da relação entre linguagem e mundo, demarcando que o contexto é imbricado ao discurso de modo indissociável “(...) fora do contexto não se pode atribuir sentido” (MAINGUENEAU, 2015, p. 26). Além disso, o discurso deve ser percebido de modo multifacetado, já que os enunciados devem ser relacionados a todos os outros tipos de enunciados que se amparam de diversas formas.

GÊNERO E SEXUALIDADE NO OCULTISMO

Gerald Brosseau Gardner nasceu na Inglaterra em 13 de junho de 1884, oriundo de uma família rica e privilegiada, que possuía um rentável negócio de importação de madeira. Desde sua infância, Gardner viajou por regiões do Mediterrâneo e Ásia para distanciar-se do clima inglês por recomendação médica

(HUTTON, 1999; DUARTE, 2008; SAGREDO, 2023). Já na sua adolescência, Gardner teve contato com filosofias espiritualistas e ocultistas. Ao longo da sua vida, Gardner passou pela Maçonaria, Rosacruz, O.T.O, Ancient British Church, Ancient Druid Order, Folklore Society, Society for Psychical Research (HUTTON, 1999, URBAN, 2019).

Em 1954 publica *Witchcraft Today*¹² como um tratado antropológico sobre práticas de bruxaria. O livro possui um forte tom propagandístico, tanto para alocar a *Arte* como a Velha Religião inglesa, quanto para desmentir a ideia de que as Bruxas estavam envolvidas em cultos satânicos. Para tanto, traça um discurso de sobrevivência e continuidade dos ritos pré-cristãos ingleses. Essa abordagem está ligada às mudanças na legislação anti-bruxaria na Inglaterra. Os Atos de Bruxaria e Vadiagem de 1736 considerava fraudulento, criminoso e humanamente impossível as práticas de bruxaria (THOMAS, 1991; HUTTON, 1999; GIBSON, 2003; ALEXANDER, 2019). Em 1951, esse dispositivo jurídico foi substituído pelos Atos contra os Médiuns Fraudulentos (HUTTON, 1999; TERZETTI FILHO, 2012). A legislação consiste na criminalização das ditas práticas mediúnicas para fins comerciais, alocando-as enquanto atividades fraudulentas, mas, acaba a proibição da bruxaria. Gardner viu uma oportunidade de divulgar sua religião em construção (HUTTON, 1999; DUARTE, 2008; TERZETTI FILHO, 2012), tentando destituí-la da possibilidade de receber qualquer acusação de prática fraudulenta. Para se imbuir de chancela acadêmica, o autor conta com uma elogiosa introdução da egiptóloga e folclorista Margaret Murray (DUARTE, 2017).

Com isso, Gardner apresenta ao mundo um movimento contracultural de oposição ao cristianismo (TERZETTI FILHO, 2012) que rompeu com determinados padrões de gênero e sexualidade (PEARSON, 2007; FERRARO, 2020). No entanto, pode-se dizer que ainda existia uma ambivalência entre o hegemônico e o dissidente em seu cerne. Gardner condenava práticas mágicas homoeróticas, enquanto indicava práticas heteronormativas e, preferencialmente, monogâmicas. Sob uma perspectiva anacrônica, pode-se indagar, se era heteronormativa e monogâmica, onde está a dissidência? E passa a valer a pena salientar, na sua obra, a Bruxa como figura de

¹² Antes da documentação analisada, escreveu os livros *Keris and other malay weapons* (1936), *A Goddess Arrives* (1939), *High magic's aid* (1949).

libertação feminina, as práticas de magia sexual, simbólicas ou não, e o nudismo ritual (PEARSON, 2007).

Embora, esses aspectos dissidentes não fossem exatamente novidade no meio ocultista. A Bruxa como figura de libertação feminina já estava presente em autores como Jules Michelet (1798-1874), Charles Leland (1824-1903) e Margaret Murray¹³ (1863-1963), cujas obras Gardner teve contato¹⁴. As práticas de magia sexual também não são exclusividade de Gardner, pois estavam presentes no ocultismo inglês em tradições e ordens de mistérios que tinham práticas do Tantra orientalista, com destaque para os trabalhos de Theodor Reuss (1855-1923), Aleister Crowley (1875-1947) e Gerald Yorke (1901-1983) (URBAN, 2019)¹⁵.

Gardner obteve contato com esses autores pela sua participação em ordens iniciáticas, com destaque para a Ordo Templi Orientis (O.T.O), na qual foi iniciado pelo próprio Aleister Crowley. Porém, as influências de Crowley foram higienizadas, já que Gardner, assim como Yorke, pareciam condenar práticas homoeróticas nos ritos Wiccanos, diferente Crowley que nos graus superiores da O.T.O tinha em suas práticas mágicas ritos homoeróticos (URBAN, 2019).

Embora muitas ordens iniciáticas do ocultismo britânico proporcionassem um ambiente machista¹⁶, Gardner teve contato com ordens, pessoas que participavam de

¹³ Retomando seu contato com Margaret Murray, cabe salientar que a apropriação do passado medieval como um período em que convergiam a subalternização feminina e sua resistência ante aos avanços do cristianismo já estava presente tanto na obra da autora (SAGREDO, 2023). Inserida no contexto das feministas de primeira onda, Murray atrelava-se ao pensar feminista desse recorte temporal que interpretava o passado medieval como o tempo das fogueiras (SAGREDO, 2023). E, tal episteme, influenciou Gardner, assim como o romantismo e folclorismo e a pulsante da Bruxa como figura de libertação e o apreço pelo imaginário celta, druida e gaélico permeados de medievalismo (FALCONIERI, 2019, SAGREDO, 2023)

¹⁴ No caso de Murray, esse contato é explicitado facilmente, pois a egiptóloga e arqueóloga teve uma relação de amizade com Gardner ao ponto de escrever a introdução para *Witchcraft Today* (1954).

¹⁵ Além de seu interesse em sociedades ocultistas e folcloristas, o autor foi funcionário da administração britânica na Malásia. Também produziu artigos como antropólogo amador publicados na Royal Asiatic Society (HUTTON, 1993, 1999; ALEXANDER, 2001; TERZETTI FILHO, 2013; DUARTE, 2017, URBAN, 2019). Sua relação com a Ásia remete à figura do *agente orientalista inglês*, que durante e pós-guerra atuava simultaneamente como *perito-aventureiro-excêntrico* e autoridade local colonial (SAID, p. 251, 2001). E, com isso, tais saberes como arqueólogo e antropólogo amador são instrumentalizados no discurso da obra analisada na próxima parte do artigo.

¹⁶ Tendo em vista as diversas ordens iniciáticas com presença exclusivamente masculina como a Rosacruz, Maçonaria (PEARSON, 2007; FERRARO, 2020).

ordens¹⁷, sociedades folclóricas e mulheres pesquisadoras da bruxaria que o influenciaram na criação de uma religião iniciática mais plural em termos de gênero¹⁸. Inclusive, diz-se que a Wicca buscava ter igualdade entre homens e mulheres entre seus praticantes — talvez, por suas práticas de magia sexual, simbólicas ou não, inspiradas na teoria de polaridades, segundo a qual homens e mulheres são agentes complementares no Grande Rito (PEARSON, 2007; URBAN, 2019; FERRARO, 2020).

O Grande rito Wiccano possui diversas semelhanças com o Tantra Hindu: Sacralização do sexo, nudez ritual, relações entre corpo e poder — práticas consideradas desviantes nas regulamentações de gênero no contexto britânico do século XX — estrutura de covens, ritos em círculo, casais de homens e mulheres (nesse caso, excluía as práticas homoeróticas de Crowley) e Sacerdotisas e Sacerdotes como expressões da Deusa e do Deus. A magia sexual, em Gardner, possui forte influência das ideias orientalistas do Tantra Hindu (URBAN, 2019). John Woodroffe¹⁹ (1865-1936) já falava sobre uma grande mãe divina e criadora, Theodor Reuss já destacava a importância das potências masculinas e femininas evocadas na magia, Aleister Crowley já classificava a magia sexual como o modo mais poderosos de magia, além de pregar a importância da dualidade e da nudez ritual.

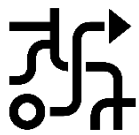
A historiografia já apontou Crowley como um dos amigos pessoais e colaboradores de Gardner para a formação da ritualística da Wicca (HUTTON, 1999; ALEXANDER, 2019). No entanto, apesar de Gardner citá-lo na obra, pairava sob Crowley uma fama de profano, até mesmo diabólico na sociedade britânica²⁰ (HUTTON, 1999; PEARSON, 2007; URBAN, 2019; FERRARO, 2020). Crowley, que se automeiaava como Besta 666, misturou estereótipos do Tantra Indiano com gnosticismo, criando a Missa Gnóstica. Pregava a importância da dualidade e da

¹⁷ Como Aleister Crowley que já havia participado da Golden Dawn, uma das primeiras ordens iniciáticas no contexto do ocultismo britânico a aceitarem mulheres.

¹⁸ A importância feminina dentro da Wicca também pode ser notada com a intensa colaboração das sacerdotisas do coven de Gardner, que somaram significativamente na construção do discurso e narrativa wiccana, em especial Doreen Valiente (HUTTON, 1999). Ocultista britânica responsável por introduzir uma maior carga de celtismo e respeitada por sua habilidade literária e litúrgica (HUTTON, 1999; DUARTE, 2008; ALEXANDER, 2019).

¹⁹ Responsável pela revalorização do Tantra como uma nobre e profunda tradição religiosa e filosófica.

²⁰ Em sua obra posterior *The Meaning of Witchcraft* (1959), uma das maiores colaboradoras de Gardner, Doreen Valiente, é creditada como responsável por omitir e remodelar as referências mais descaradas a Crowley, as substituindo por passagens que se conectam com o paganismo romântico, com foco na deusa-tríplice de Robert Graves (HUTTON, 1999; DUARTE, 2008).



nudez ritual, assim como Gardner. Introduziu na O.T.O aspectos considerados transgressores para a sociedade britânica, além de ter expandido a hierarquia da ordem (URBAN, 2019). No entanto, existe uma profunda diferença entre Crowley e Gardner: as práticas de magia sexual homoeróticas. E, a partir disso, (URBAN, 2019) alega que a magia sexual Gardneriana se aproxima mais dos trabalhos de Gerald Yorke, por apenas ter práticas de magia sexual heteronormativas.

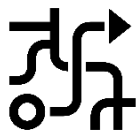
A DIALÉTICA PROCESSUAL DO GÊNERO: MASCULINIDADES HEGEMÔNICAS E DISSIDENTES NUMA OBRA MEDIEVALISTA

Em *How The Little People Became Witches and Concerning The Knights Templar* Gerald Gardner inicia o capítulo classificando os povos miúdos²¹ da Inglaterra. Aborda também sobre suas práticas religiosas, que envolveriam o culto a Deusas. Gardner usa isso como motivo para o cristianismo ter sido pouco aceito entre a população campestre (GARDNER, 1954, p. 63). O capítulo continua trazendo uma conexão entre as populações do campesinato europeu e a bruxaria, narrando como o cristianismo paulatinamente subalternizou essas práticas mediante casos exemplares de perseguição da Igreja, segundo o autor.

E segue trazendo exemplos de perseguição do cristianismo às práticas de bruxaria ou magia, trazendo de certo modo uma narrativa de um cristianismo monolítico e hegemônico no medievo (KINANE, 2013). Sobre as investidas da Igreja contra as práticas mágicas, Gardner tece comentários acerca dos Cavaleiros Templários e sua condenação pela Igreja a partir da página 69. Embora não condene todas as práticas da ordem, o discurso do autor faz um julgamento das performances de masculinidades dos Templários:

As bruxas me disseram: “A lei sempre disse que o poder deve ser passado do homem para a mulher ou da mulher ao homem, a única exceção é quando a mãe que inicia sua filha ou o pai ao seu filho, porque são partes deles mesmos”. (A razão é que um grande amor pode ocorrer entre as pessoas que participam de um rito juntas). Elas continuam dizendo: “Os Templários quebraram essa regra antiga e passaram o poder de homem para homem:

²¹ Gardner classifica esses povos como “pre-Celtic aborigines” (GARDNER, 1959, p. 62) que cultuavam deusas que poderiam ser relacionadas pelos romanos com Diana e Afrodite, para o autor, esses povos também tinham crença na reencarnação.



isso leva ao pecado e, ao fazer isso, provocaram sua própria queda.²²
(GARDNER, 1954, p. 69, Tradução Nossa).

Gardner promove o ato de criar uma voz feminina dentro de seu discurso para trazer suas próprias crenças, utilizando personagens femininos como aqueles que trazem determinado ensinamento. Assim, Gardner utiliza da função-autor para traçar um *alter ego* para propagar as ideias dele, isentando-se de julgamentos dos seus pares²³. Como Tinkle (2010) nos alerta, esse ato não necessariamente quer dizer empoderamento feminino, já que esse autor homem, pode ter utilizado as Bruxas como um recurso de autoria para formular suas próprias concepções.

Além disso, pode-se dizer que Gardner promove uma dança dicotômica entre masculinidades desviantes e hegemônicas. Pois, ao mesmo tempo em que promove uma masculinidade complementar ao feminino, condena práticas de magia (que podem ser sexuais) entre homens. Isso ocorre porque as masculinidades são elásticas e dialéticas. Connell e Messerschmidt (2013) apontam que os homens podem esquivar-se ou aproximar-se da masculinidade quando lhes é favorável. Com isso, a masculinidade não é um modelo fechado de homem, mas as formas como os homens se colocam em suas práticas discursivas (CONNELL, MESSERSCHMIDT, 2013, p. 257). Então, embora posicione seu discurso como desviante de uma sociedade androcêntrica e heteronormativa, Gardner aproxima-se de uma masculinidade hegemônica ao condenar práticas entre homens.

Cabe salientar a passagem do autor pela Ancient British Church, uma ordem de filiação católica, o que pode nos mostrar os resquícios de uma mentalidade cristã na Wicca, embora o discurso gardneriano queira colocar-se como oposto ao

²² Do original: “The witches tell me: “The law always has been that power must be passed from man to woman or from woman to man, the only exception being when a mother initiates her daughter or a father his son, because they are part of themselves.” (The reason is that great love is apt to occur between people who go through the rites together.) They go on to say: “The Templars broke this age-old rule and passed the power from man to man: this led to sin and in so doing it brought about their downfall.” (GARDNER, 1954, p. 69)

²³ Embora Crowley já tivesse falecido nessa data, os antigos companheiros de Gardner na O.T.O, não necessariamente apreciariam um discurso que colocava as suas práticas mágicas e rituais como pecado. Gardner já havia praticamente abandonado a ordem em prol da divulgação da Wicca (HUTTON, 1999), mas talvez não quisesse comprometer-se caso decidisse retornar. Ou simplesmente quisesse colocar-se como o desbravador da bruxaria, aquele que finalmente teria dado voz às Bruxas, ao se colocar constantemente como porta-voz delas, o autor lembra um desbravador ou “Indiana Jones Folclórico” (ALEXANDER, p. 203-204, 2019). Ou como aqui supõe-se um *perito-aventureiro-excêntrico* que haveria desbravado tanto oriente, quanto ocidente.

cristianismo (PEARSON, 2007). Esse dado pode explicar o porquê da regulação sexual de Gardner se aproximar da regulação cristã medieval de práticas sexuais, que segundo Cassiano Celestino de Jesus (2020) havia uma regulação das práticas sexuais consideradas naturais ou não, e nesse caso, o Cristianismo percebia a sodomia como uma prática contra a natureza.

Gardner não condena por completo os ritos dos Templários, alegando semelhanças entre as práticas da ordem com a das Bruxas: "(...) os Templários condicionavam seus corpos da mesma maneira que elas para produzir a magia; como elas o fazem, embora, estou proibido de mencionar.²⁴" (GARDNER, 1954, p. 69, Tradução Nossa). Ao mesmo tempo que coloca o poder corporal como central nos ritos das Bruxas e dos Templários, restringe esse conhecimento ao não o detalhar, traçando um discurso que o coloca como uma espécie de protetor da sabedoria das Bruxas.

Ainda sobre semelhanças, Gardner falará sobre o beijo e nudismo ritualístico das Bruxas e dos Templários:

"Em sua iniciação, uma bruxa é sempre recebida no círculo com um beijo na boca. Os Templários recebiam um beijo similar. Mas ambos foram torturados para dizer que o beijo era em outro lugar. [...] Nas iniciações, os candidatos a Templários eram parcialmente ou inteiramente nus; mantinham seus encontros e iniciações secretas e noturnas, como as bruxas faziam." (GARDNER, 1954, p. 70, Tradução nossa)²⁵

Pode-se perceber que, além de evocar a sacralidade do corpo nas práticas rituais através da prática do beijo, Gardner traz uma performatividade de gênero desviante do que era pregado na Igreja Anglicana, fugindo de um decoro com relação às performatividades de sexualidade. Outro aspecto identificável é um discurso de uma pulsante relação conflituosa entre paganismo e cristianismo, ou práticas dissidentes dentro do Cristianismo e o Cristianismo que o autor coloca como hegemônico, no qual, Bruxas e Templários ocultavam suas práticas para que não fossem cruelmente torturados e obrigados a relatar inverdades sobre seus ritos.

²⁴ Do original: "(...) the Templars conditioned their bodies in the way they themselves do to produce magic; how they do so, however, I am forbidden to mention." (GARDNER, 1954, p. 69).

²⁵ Do original: "At her initiation a witch is always received into the circle with a kiss on the mouth. Templars received a similar kiss. But both were tortured to make them say it was elsewhere. (...) At initiations Templar candidates were stripped nearly or entirely naked; they held their meetings and initiations secretly and by night, as witches do." (GARDNER, 1954, p. 70)

Atribuía, assim, um poder hegemônico à Igreja na Idade Média, e com isso “O passado medieval é revivido, reinventado e transformado nos contextos do New Age e do Neopaganismo à medida que estes movimentos são transformados pelo seu Medievalismo.”²⁶ (KINANE, 2013, p. 229, Tradução nossa).

Adiante, Gardner cita execuções dos Templários e afirma que a Igreja trabalhou para desacreditá-los: “O modo como se preocuparam com essa acusação mostra que seu objetivo era desacreditar os Templários com a opinião pública, de modo a causar o esquecimento de seus grandes serviços à Cristandade.”²⁷ (GARDNER, 1954, p. 72, Tradução Nossa). Assim, embora evoque semelhanças entre os Templários e as Bruxas, Gardner aloca acertadamente as práticas dos Templários como inseridas numa ordem religiosa da Cristandade, ao contrário das Bruxas pertencentes à Velha Religião. Para Gardner, embora os Templários fossem Cristãos, seus ritos tinham elementos possivelmente herdados da Velha Religião.

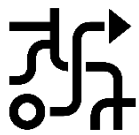
Além disso, seu discurso parece denunciar que a Igreja medieval buscou eliminar através da propaganda não só o paganismo, como práticas dissidentes dentro do cristianismo.

A seguir, Gardner reitera seu julgamento das performances de masculinidades dos Templários, condenando novamente as práticas sexuais entre dois homens ou entre duas mulheres:

Os Templários podem ter experimentado práticas que, embora sendo heresias para uma bruxa, foram fundadas em seus métodos. As bruxas ensinam que para trabalhar com magia é preciso começar com um casal, pois é necessária uma inteligência masculina e feminina; eles devem ter simpatia um com o outro; e elas acreditam que durante a prática eles começam gostar um do outro. Algumas vezes é indesejável que eles possam apaixonar-se. Bruxas têm métodos com os quais tentam prevenir isso, mas nem sempre têm sucesso. Por essas razões, segundo elas, a deusa proibiu estritamente um homem ser iniciado ou trabalhar com outro homem, ou uma mulher ser iniciada ou trabalhar com outra mulher, sendo as únicas exceções um pai que inicia o filho e a mãe, a filha, como dito acima; e a maldição da deusa pode cair sobre qualquer um que quebrar essa lei. Elas acham que os Templários quebraram essa lei e trabalharam com magia, homem com homem, sem

²⁶ Do original: “The medieval past is revived, reinvented, and transformed in New Age and Neopagan contexts as these movements are transformed by their medievalism.” (KINANE, 2013, p. 229)

²⁷ Do original: “The way they stressed this charge shows that their object was to discredit the Templars with the general public in a way that would cause them to forget their great services to Christendom” (GARDNER, 1954, p. 72)



saber o modo de prevenir o amor; e eles pecaram e a maldição da deusa caiu sobre eles.²⁸ (GARDNER, 1954, p. 75, Tradução Nossa.)

Com isso, Gardner, além de novamente traçar similaridades entre as práticas dos Templários e das Bruxas, determina uma regulação de gênero para homens e mulheres. E, nessa regulamentação de gênero, faz novamente o movimento dialético de se aproximar do desviante, por exaltar o feminino, ao mesmo passo que se aproxima do hegemônico ao condenar qualquer tipo de prática que fuja do heteronormativo.

O amor aquiliano ou sáfico²⁹ seria considerado pecado, assim como no cristianismo práticas LGBTQIAPN + eram consideradas desviantes no medievo (CELESTINO DE JESUS, 2020). É curioso notar que embora instrumentalize o medievo como um período nefasto, Gardner acaba por se aproximar de um ideal de masculinidade que aloca relacionamentos homoeróticos como pecaminosos, desnudando assim as influências cristãs da Wicca. Como também a influência que o ideal de masculinidade hegemônica de seu contexto que julgou Crowley como profano.

Finalmente, outro aspecto que aproxima do conceito de masculinidades desviantes é alocar a Deusa Wiccana como Bissexual, assim como o Baphomet³⁰ que

²⁸ Do original: “The Templars may have attempted practices which, while sheer heresy to a witch, were founded on her methods. Witches teach that to work magic you must start with a couple, a male and a female intelligence being necessary, and they must be in sympathy with each other; and they find that in practice they become fond of each other. Sometimes it is undesirable that they should fall in love. Witches have methods by which they try to prevent this, but they are not always successful. For this reason, they say, the goddess has strictly forbidden a man to be initiated by or to work with a man, or a woman to be initiated by or to work with a woman, the only exceptions being that a father may initiate his son and a mother her daughter, as said above; and the curse of the goddess may be on any who break this law. They think that the Templars broke this law and worked magic, man with man, without knowing the way to prevent love; so they sinned, and the curse of the goddess came upon them.” (GARDNER, 1954, p. 75)

²⁹ Utilizamos o termo aquiliano é uma expressão derivada do personagem Aquiles, que acredita-se ter tido um relacionamento amoroso com seu primo Pátroclo e portanto, o termo aquiliano aparece para designar relações amorosas entre homens. Já o termo sáfico, também deriva do grego, nesse caso, da poetisa Safo, comumente relacionada com o amor entre mulheres, e portanto o termo sáfico costuma designar o amor entre mulheres. A escolha desses termos visa não excluir indivíduos bissexuais ao falar de relações amorosas.

³⁰ Conhecido principalmente pela icônica imagem do ocultista e socialista Eliphas Lévi (1810-1875), que o concebeu como uma representação simbólica de equilíbrio entre forças opostas. Lévi relacionou essa figura ao antigo culto dos Templários, postulando que Baphomet seria a personificação de uma tradição única e verdadeira do catolicismo, e que os ensinamentos dos Templários haviam sobrevivido na maçonaria (STRUBE, 2016).

Gardner alega ter sido adorado pelos Templários. Ao relacionar Baphomet com a Deusa, Gardner parece trazer uma tônica positiva para Baphomet.

“[...]Então ela é tanto deus como deusa, macho e fêmea, morte e regeneração, poder-se-ia dizer bissexual”. [...] Baphomet, o dito deus Templário, ele é mostrado como sendo macho e fêmea ou bissexual; [...] Se há realmente alguma boa prova que são esses os deuses Templários, não posso dizer. Pode ser tudo mera coincidência.”³¹ (GARDNER, 1954, p. 80-81, Tradução nossa)

Nesse caso, Gardner utiliza o termo Bissexual para explicar que a Deusa possui os dois sexos num mesmo corpo, evocando que assim que a masculinidade não é exclusiva do corpo dito como masculino (CONNELL, PEARSE, 2015), como também que o gênero, não é tão binário assim.

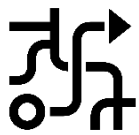
Gardner também apresenta as mulheres como figuras subalternizadas no medievo: “Em uma era em que as mulheres eram tratadas como criadas e os homens da Igreja debatiam seriamente sobre elas terem ou não almas³² [...]” (GARDNER, 1954, p. 64, Tradução nossa). O autor opera o passado medieval de modo alinhado ao feminismo de primeira onda, que depositava na Idade Média a ideia de uma era de declínio do feminino que contrariava a demanda por maior liberdade sexual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visou investigar a construção de masculinidades no contexto medievalista na Wicca Gardneriana a partir da análise do sexto capítulo de *Witchcraft Today* (1954), cabendo salientar que não houve pretensão de abarcar todos os discursos sobre masculinidades, presentes na obra, mas reservar-se ao caso dos Templários. Nesse sentido, foi possível um caráter multifacetado do discurso do autor que embora possa promover masculinidades desviantes, ao alocar o feminino como destaque em suas práticas, alegando inclusive que a Deusa possui natureza

³¹ Do original: “(...) ‘Thus she has been both god and goddess, male and female, death and regeneration, one might say bisexual.’ (...) Baphomet, said to be the Templar god, he is shown as both male and female or bisexual; (...) Whether there is really any good proof that these are the Templar gods I cannot say. All this may be mere coincidence.” (GARDNER, 1954, p. 80 e 81)

³² Do original: “In an age when women were treated as drudges, and Churchmen seriously debated whether they had souls or not[...].” (GARDNER, 1954; p. 64)



masculina e feminina, amparado em discursos feministas. Permanece reproduzindo aspectos da masculinidade hegemônica no que tange o aspecto da homossexualidade. A masculinidade hegemônica é um constructo tanto dialético quanto elástico; ao destacar a homossexualidade como antinatural – e por isso um pecado – dentro da Arte, Gardner estaria aproximando-se uma masculinidade hegemônica para destituir suas práticas de acusações de serem amorais, ou talvez buscando um distanciamento das ideias de Crowley, colocando-se como porta-voz das Bruxas que lhe revelaram grandes segredos, dentre eles, que o declínio dos Templários por práticas sexuais tidas por elas como pecaminosas.

As práticas de masculinidades desviantes encontradas em Gardner também perpassam a sacralização do corpo e o uso de magia sexual em suas práticas. Já sobre o medievo, a temporalidade é instrumentalizada para alocar o cristianismo como monolítico e hegemônico, que buscou apagar tudo aquilo que era dissidente, principalmente práticas mágicas ligadas com a sacralidade do corpo.

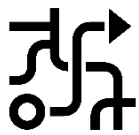
Finalizando, o medievo aparece em seu discurso como um declínio do feminino e as práticas aquilianas ou sáficas consideradas desviantes tanto pelo cristianismo, quanto pela Wicca como um grande pecado, que leva ao castigo da Deusa como forma de ruína. Ao criar seu movimento religioso e contracultural, Gardner, conscientemente ou inconscientemente dita uma regulação das relações e dos papéis de gênero para o seu sistema religioso com alguns aspectos desiguais e hierárquicos de performatividade e sexo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERTARELLI, Maria Eugênia, AMARAL, Clínio. Long Middle Ages or appropriations of the medieval? A reflection on how to decolonize the Middle Ages through the theory of Medievalism. *Hist. Historiogr.*, v. 13, maio-ago. 2020.

BUTLER, Judith. Gender regulations. In: *Undoing gender*. New York; London: Routledge, 2004.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.



CELESTINO DE JESUS, Cassiano. Masculinidades Dissidentes no Medievo Ibérico: Um Estudo Sobre A Sodomia no Discurso Jurídico de Afonso X (1252-1284). *Ponta de Lança: Revista Eletrônica de História*, v. 14, 2020.

CONNELL, Raewyn W.; PEARSE, Rebecca. Diferenças sexuais e corpos generificados. In: *Gênero: uma perspectiva global*. São Paulo: n Versos, 2015.

CONNELL, Raewyn W. Examining masculinities. In: *The men and the boys*. Sydney: Allen & Unwin, 2000.

CONNELL, Raewyn W.; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. *Estudos Feministas*, 21(1): 424, janeiro-abril/2013. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/cPBKdXV63LVw75GrVvH39NC>

D'ARCENS, Louise (Ed.). *The Cambridge Companion To Medievalism*. Reino Unido: Cambridge University Press, 2016. p. 1–13.

DUARTE, Janluis. Quem eram as bruxas de Gardner? *Temporalidades – Revista de História*, v. 9, n. 1, p. 275–289, 2017.

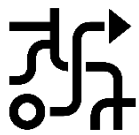
DUARTE, Janluis. *Os bruxos do século XX: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do pós-guerra*. Orientador: Vicente Carlos Rodrigues Álvarez Dobroruka. 2008. 178 f. Dissertação (Mestrado em História), Universidade de Brasília, Brasília, 2008. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/3394>.

FALCONIERI, Tommaso Di Carpegna. *The Militant Middle Ages: Contemporary Politics Between New Barbarians and Modern Crusaders*. Leiden, Netherlands: Brill, 2019.

FERRARO, Shai. *Women and Gender Issues in British Paganism, 1945–1990*. [s.l.] Palgrave Historical Studies in Witchcraft and Magic, 2020.

G. W. Bowersock, B ROWM, PETER, Oleg Grabar. *Late Antiquity: A Guide to the Postclassical World*. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

GIBSON, Marion. Witchcraft in the Courts. In.: *Witchcraft And Society in England And America, 1550–1750*. Londres: Continuum. 2003.



HANEGRAFF, WOUTER J. *New Age Religion and Western Culture Esotericism in The Mirror of Secular Thought*. Leiden, New York and Koln: E.J. BRIL, 1996.

HANEGRAFF, Wouter J. *Western Esotericism: A guide for the Perplexed*. Londres: Bloomsbury, 2013.

HUTTON, Ronald. *The triumph of the moon: A history of modern pagan witchcraft*. Oxford: Oxford University Press, 2019.

KINANE, Karolyn. Intuiting the Past: New Age and Neopagan Medievalisms. *Relegere*, v. n. 2, p. 225-248, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. *Discurso e Análise do discurso*. Tradução de Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos Discursos*. Tradução Sírío Possenti. de São Paulo: Parábola Editorial, 2008

MAGLIOCCO, Sabina. Neopaganism. In: HAMMER, Olav; ROTHSTEIN, Mikael. (Ed.). *The Cambridge Companion to New Religious Movements*. Nova York: Cambridge University Press, 2012, p. 150–166.

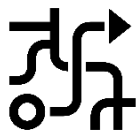
MATTHEWS, David. *Medievalism: A Critical History*. Woodbridge, England: Boydell & Brewer, 2015.

MORGAN, Gwendolyn A. Medievalism, Authority, and the Academy. *Studies in Medievalism*. v. 17, 2009.

PATRIDGE, Christopher. Orientalism and the Occult. In: PATRIDGE, Christopher. *THE OCCULT WORLD*. Estados Unidos e Canadá: Routledge, 2015, p. 611-625.

PEARSON, Joanne. *Wicca and the christian heritage*. Ritual, sex and magic. London, New York: Routledge, 2007, p. 11-26.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria: Feiticeiras, hereges e pagãos*. Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. São Paulo: Aleph, 2019.



SAGREDO, RAISA. Ressignificação e subversão na obra 'O Culto das Bruxas na Europa ocidental' (1921) de Margaret Murray. *ALETHÉIA* (GOIÂNIA), v. 1, p. 64-78, 2024.

SAGREDO, R. A Pré-Modernidade na Cosmopercepção da Bruxaria Contemporânea: Uma Fluidez de Temporalidades In: *Anais mundos possíveis*. 2023

SAID, Edward. *Orientalismo*: o Oriente como invenção do Ocidente. Tradução de Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

STRUBE, Julian. The “Baphomet” of Eliphas Lévi: Its Meaning and Historical Context. *Correspondences Journal*. v. 4, p.37-79, 2016

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. A Velha Religião: o discurso de legitimação na Wicca. *Revista História Agora*, v.3, p.67-90, 2013.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. *Um Bruxo e seu Tempo: As obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais*. Orientador: Frank Usarski. 2012. 179 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/1845>.

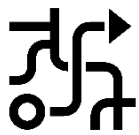
TINKLE, Theresa. Women on top in medieval exegesis. In: *Gender and power in medieval exegesis*. New York: Palgrave Mcmillan, 2010.

WORKMAN, Leslie J. “Medievalism Today”. *Medieval Feminist Newsletter* 23 (1997).

URBAN, Hugh B. The Goddess and the Great Rite: Hindu Tantra and the Complex Origins of Modern Wicca. In: FERARO, Shai; White, Ethan Doyle. *Magic and Witchery in the Modern West Celebrating the Twentieth Anniversary of ‘The Triumph of the Moon’*. Londres: Palgrave Macmilian, p. 21-23, 2019.

UTZ, Richard. Academic medievalism and nationalism. In: D’ARCENS (Ed.). *THE CAMBRIDGE COMPANION TO MEDIEVALISM*. Reino Unido: Cambridge University Press, 2016. p. 119- 134.

UTZ, Richard. A Noção de Idade Média: Nossa Idade Média, Nós Mesmos, *Roda da*



Fortuna, v. 8, n. 2, 2019, pp. 237-248. Disponível em: https://a615a5e5-c98d-48ce-95fc4c6127dff938.filesusr.com/ugd/3fdd18_bfd049696cee4523bc132d0c07339b3e.pdf

FONTES

GARDNER, Gerald. *Witchcraft Today*. New York: Magickal Childe, 1982.

Recebido em: 19/09/2025

Aprovado em: 02/12/2025